

Suaivê

grifo GALERIA DE ARTE

alameda itú, 1062 - 3068.0410
São Paulo

Juntamente com a Galeria Grifo, apresento o trabalho recente de SUANÊ. Escolhemos a opinião crítica e sensível de duas pessoas que representam o fazer e o saber nos dias atuais:

Isabel Branco Ribeiro que à frente da FAAP desenvolve significativo trabalho de divulgação da arte e Jacob Klintowitz, um nome, uma vida devotada ao estudo e pesquisa da arte.

– “A poesia, o mundo do som pontuando as cores de SUANÊ.” É Paulo Bonfim que inaugura com um poema, o que todos nós gostaríamos de dizer:

– SUANÊ, bem vinda ao novo milênio!!

CESAR LUIS PIRES DE MELLO
Dezembro 2004

Conheço, desde a década de 70 a obra de SUANÊ. A presença em Bienais e em coleções de Museus e Galerias fazem dela uma artista consagrada. Sua pintura que me foi rerepresentada por Cesar Luis. Repleta de beleza e descobertas, ela nos mostra um cenário bem atual e brasileiro.

MARILU CUNHA CAMPOS
Dezembro 2004

grifo GALERIA DE ARTE

expõe obras de
S U A N Ê
de 5 à 23 de abril de 2005
vernissage 5 de abril - 19 hs

c u r a d o r i a
claudia pires de mello
antonio cunha campos dos santos

O CORDÃO ENCARNADO

Jacob Klintowitz

Um Deus acaba de nascer.

A pintura de Suanê celebra duplamente o nascimento do Deus fundador da nossa civilização e que nomeia a nossa era. Primeiro, ao refazer, em pintura e com a sua sensibilidade estética, o rito folclórico do Cordão Encarnado, teatralização simbólica do presépio, conferindo nova reflexão sobre o tema do nascimento da criança divina. A segunda celebração é de caráter mais sutil, pois se trata da criação artística em elevada consciência, capaz de inventar uma pintura tão subjetiva que é única e individual e, ao mesmo tempo, é coletiva, por identificar e corporificar uma tendência social. Neste padrão de dedicação, a arte é sempre uma referência a transcendência.

A pintura de Lucia Suanê tem uma característica cada vez mais rara no panorama mundial, a de conferir à própria pintura a função simbólica da arte e a representação das questões humanas. Nada está fora dela. Em nenhum momento, este trabalho é sinal de alguma coisa exterior, seja ela o que for, e dotada do poder e do símbolo. Ou seja, a pintura de Suanê é o símbolo e não a ilustração de uma tese sociológica, psicológica, política. Para ser percebida, ela não remete para a opressão do feminino, o desequilíbrio ecológico, a aids africana, a fome universal. O sentido principal está em si mesmo.

A pintura de Suanê tem a atmosfera onírica e o encantamento da invenção cromática. A idéia de faixas pintadas apostas ao suporte confere tridimensionalidade à pintura e uma área de interferência cromática inovadora. Cada elemento está no seu verdadeiro lugar e, contudo, o aspecto é inaugural. É um lento processo. A pintora Lúcia Suanê sente a cor a cada vez, antes de qualquer coisa, e torna a sua pintura uma tradução, versão incompleta da cor pressentida, de uma certa cor que habita a sua alma e que só ela sabe qual é, visão intuída e mágica. Certamente a arte jamais alcança de maneira completa a intuição da forma e é isto que origina o sentimento de incompletude do artista e o estimula a fazer outra vez e outra mais. Ao verdadeiro artista não há elogios ou aceitação que tranqüilize, pois ele detém a visão interior e a compara com o resultado.

Desde o seu surgimento, na década de 40, o trabalho desta artista despertou profundo interesse. Os textos entusiasmados de críticos e escritores do porte de Pietro Maria Bardi, Sergio Milliet, Geraldo Ferraz, Lourival Gomes Machado, Luis Martins, Menotti Del Picchia, Maria Eugênia Franco, Quirino da Silva, anunciam uma pintura de exceção. Alguns, como Lourival, a querem como emblema, "...a pintura moderna do Brasil,

que ainda anda à procura de uma alma poderosa e ligada à terra..."; outros, como Geraldo Ferraz, apontam a inspiração, "... aparição, digo propositadamente pelo que me assombrou... as sabenças de uma inspiração".

Sempre nos deparamos com a discussão da identidade, da arte nacional, estigma que acompanha o Novo Mundo. Mas o que comoveu pessoas e inteligências tão diferentes entre si, como estas, o dado comum e subjacente, parece-me, é a característica desta pintura expressar essências. A sensação é a mesma, ainda que os textos usem palavras diferentes: inspiração, emoção, intuição, raiz, segredo, mistério, alma, assombro, terra, pureza, espontaneidade. E neste caso, essência significa especialmente o cerne, o interior, o permanente, o imutável. É neste centro que os homens encontram a si mesmos. Tantos anos depois, a artista já não registra cenas rurais, indígenas, cósmicas, galáxias e mitos nativos e, no entanto, tudo isto parece contido na sua abstração. Suanê ainda causa assombro.

O "Cordão Encarnado" – memória que estimulou a reflexão de Suanê – na sua versão principal, é manifestação folclórica de grande plasticidade e sentimento religioso. Uma homenagem ao nascimento de Jesus Cristo. O Cordão Encarnado é uma fragmentação do

presépio. Moças de azul e encarnado em duas fileiras, liderados pela Mestra e Contra-mestra. No meio, Diana, a roupa metade em azul, metade em vermelho. É este o jogo: luta de cores (vermelho e azul) e de movimentos (a dança de oposições e relações entre o cordão azul e o vermelho) e de uma situação psíquica e moral representada na figura-síntese, a Diana, metade azul, metade vermelha, condutora e equilíbrio entre as partes. Esta luta de opostos é ritualizada em danças coletivas, coreografias, e envolve a comunidade, pois é feita por gente humilde do sertão. A teatralização diz: Deus está entre nós. O nascimento de uma Era.

A pintura de Suanê está impregnada de absoluto: vida, arte, harmonia, união dos contrários, emergência do sentimento sagrado da significação da vida. Ao trabalhar com a ancestralidade do sagrado na condição humana, Suanê permanece coerentemente voltada para o essencial, a pintura como código completo e a alegria do homem integrado no universo. Estes dois elementos - a arte como valor em si mesma e o homem cósmico - formaram a base de sua pintura e a matéria de sua invenção. Goethe disse que o círculo cromático era a mais bela invenção humana, mas, talvez, seja a pintura.

O AZUL E O ENCARNADO

Maria Isabel Branco Ribeiro

O Nordeste e as referências a seu mundo de origem sempre estiveram presentes na obra de Lúcia Suanê.

Fiel às suas raízes, a artista trabalhou desde os anos 40, tomando como norte à visualidade apreendida na infância passada em Águas Belas.

A princípio construía cenas do cotidiano, da paisagem e do folclore pernambucano, que conhecia muito bem. Descreveu as feições de sua gente. Sua pintura mereceu o apreço sincero de uma geração respeitada de críticos, que até hoje é reverenciada.

Sua obra, desde então, tem passado por muitos momentos e em todos eles é possível identificar além da marca da terra, o gosto pelo próprio ato de pintar.

A expressão "marca da terra", no caso de Suanê, pode ser compreendida em muitos sentidos. Está presente na textura da tinta e na marca das pinceladas. Está nas pequenas formas que esconde em suas pinturas. Está nos temas que escolhe como mote para juntar formas e cores.

Ao ser indagada se as águas de sua infância eram mesmo belas, diz que lá tudo era seco. O vilarejo era próximo da Serra de Comunati, essa sim, uma montanha encantada, cuja magia era um riozinho que jamais secava. Lugar de gente festeira, que sempre buscava pretexto para fazer mais festa além da existente.

Há dois anos, Lúcia Suanê adotou uma festa, o Pastoril pernambucano, como ponto de partida para sua pintura. A data marcou um novo momento em seu trabalho, pois na ocasião além do tema adotou o óleo em substituição à têmpera a ovo, que usou por mais de trinta anos.

Tradicional em todo o Nordeste, o Pastoril é festejado desde a véspera do Natal até o Dia de Reis, e em alguns lugares, as comemorações estendem-se até o carnaval. Os historiadores recuam suas origens até a Idade Média e atribuem a Gil Vicente o primeiro texto célebre, que narra a visita dos pastores ao recém nascido Menino Jesus. A partir de então se tornou comemoração popular, ao lado dos autos de Natal. Em Pernambuco há registros de que sua implantação tenha ocorrido já em fins do século XVI, por parte dos frades franciscanos. De lá para cá tomou rumos próprios e matizes locais. A influência dos cordões carnavalescos foi definitivo na constituição do Cordão Azul Encarnado como partidos rivais, bem como a Commedia dell'Arte teve desempenho fundamental na constituição dos personagens e seus papéis.

Misto de festa de rua, de dança popular, de acontecimento literário e de celebração religiosa, o Pastoril já foi descrito como manifestação de piedade e como desculpa

para devassidão. Apesar de ter perdido muito de sua autenticidade, ainda hoje em certos locais, algumas companhias resistem em manter sua memória e conservam muito de sua poesia.

O pastoril de Lucia Suanê não é narrativo. Se o visitante nunca viu nenhum, certamente não será por meio dessa pinturas que irá conhecê-lo. Não há descrição dos personagens, nem da Mestra do Encarnado e seu maracá ou da Contra-Mestra do Azul, tocando pandeiro. Inexistem a mediação figurada pela Diana e a sedução representada pela Borboleta. Não há figura do Velho, o contador anedotas e o responsável pela animação da festa.

Em bons termos, nada há de anedótico no Pastoril de Suanê. Toma o tema tal como seus conterrâneos repentistas o fazem desenvolver de improviso um longo poema. Abandona qualquer atitude que possa banalizar o folclore e trata o assunto com seriedade, adotando a abordagem de quem conhece, profundamente, cada um dos momentos e personagens da situação. Não sente necessidade de explicitá-los passo a passo, pois sabe que para tanto existem os textos antropólogos e dos documentários.

Sua pintura prova que arte segue outras trilhas e quem bebeu água de riacho encantado

lê por outras cartilhas. Nessas obras, a artista entra em cena e executa em tinta e tela a dança do seu próprio Pastoril. Sua inspiração vem da mesma fonte de onde bebeu Gil Vicente e seu ritmo é o do Nordeste.

Recorta franjas que cola sobre a superfície da tela, pinta verso e reverso, lança sombras sobre o já pintado e com isso consegue o movimento da dança e a cadência dos passos.

Tece tiras coloridas da mesma tela que pinta em cores contrastante e assim veste as fitas das saias curtas das pastoras, que cantam para o Deus Menino. Amarra cordões na pintura e com eles enfeita a grinalda de meninas que ninguém vê.

Constrói zonas de cores contrastantes, em que não estão presentes apenas o azul e o encarnado. Confronta tonalidades fortes, matizes alusivos aos trajes de cetim brilhante e chita estampada. Cores escolhidas com saber e economia, para a restrição do número, aumentar seu impacto.

Nesse Pastoril não há imagens. Será difícil informar quem nunca viu o festejo natalino. Porém quem já o conhece, consegue ouvir o ritmo dos pés, batendo no calçamento da rua. Percebe a textura da terra e sabe que suas rimas remontam, talvez, aos tempos de Gil Vicente e não duvida que sua gênese está no Nordeste.

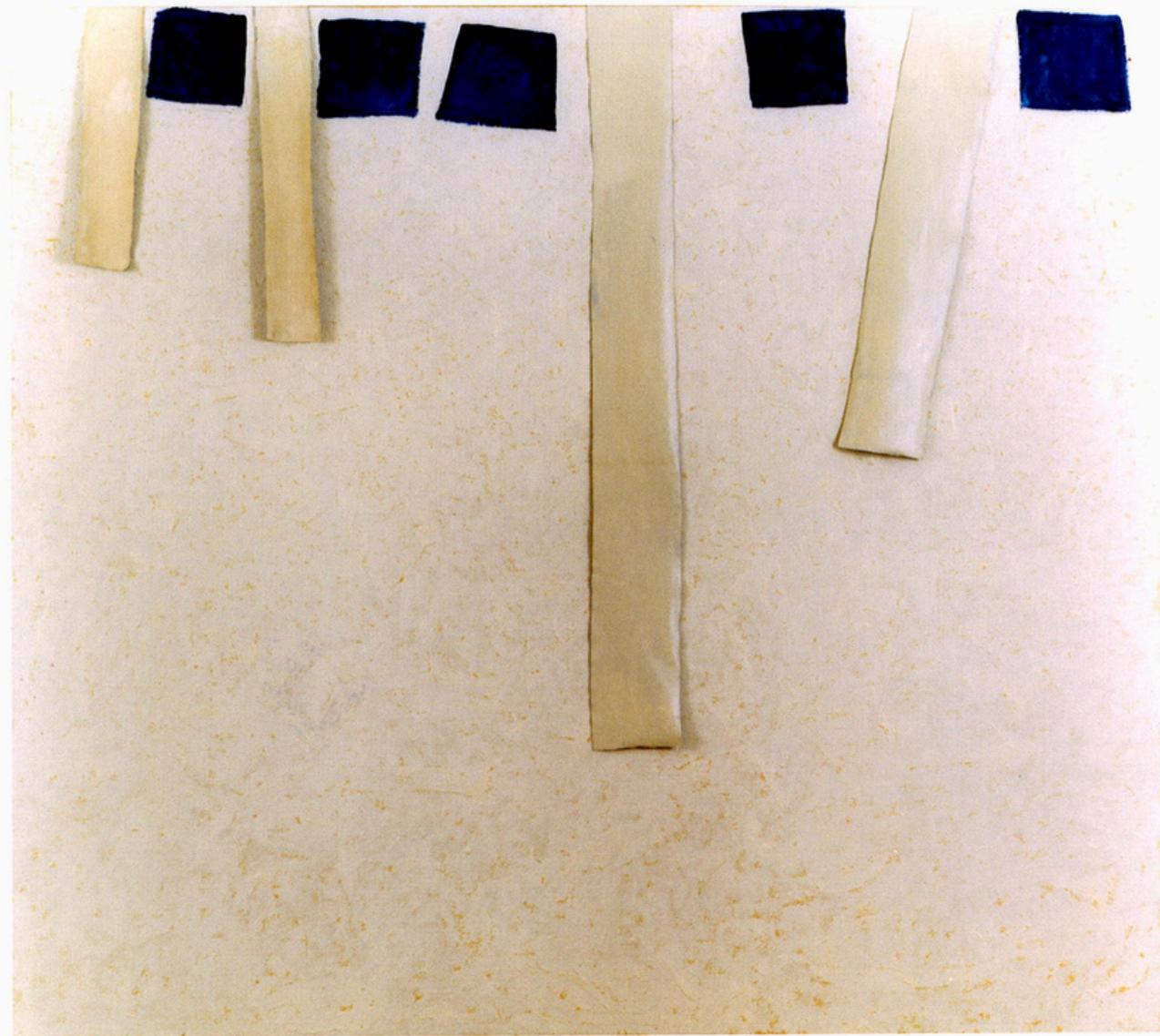
Suanê é terra brasileira que se espiritualiza.
Acompanhando a trajetória de sua pintura
chegamos às raízes de um universo onde o
mito floresce e se transfigura em cores e
perspectivas de sonho.

PAULO BONFIM
primavera de 2004

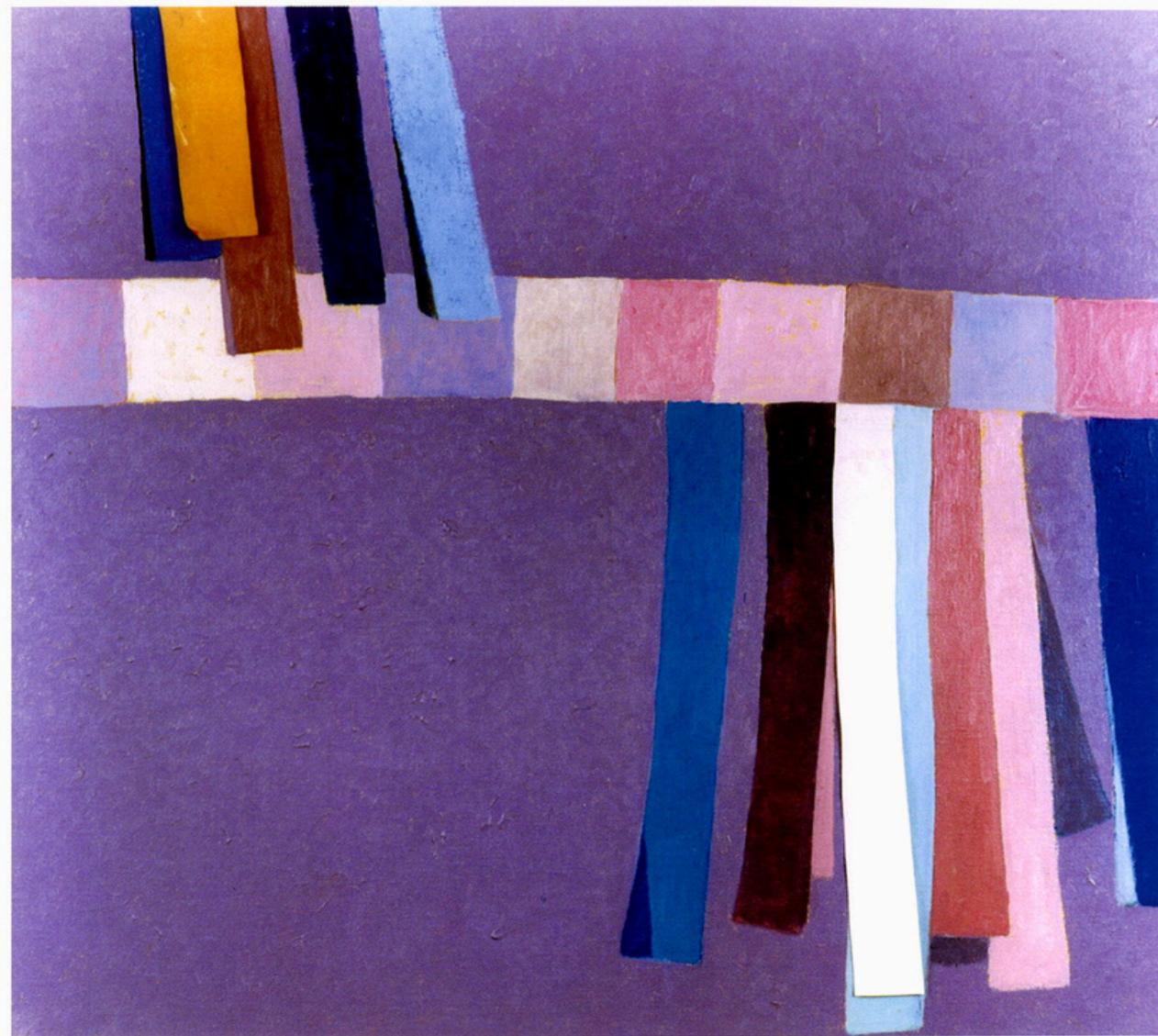
1 - PASTORIL I - cordão encarnado
óleo s/ tela
1,25 x 1,40



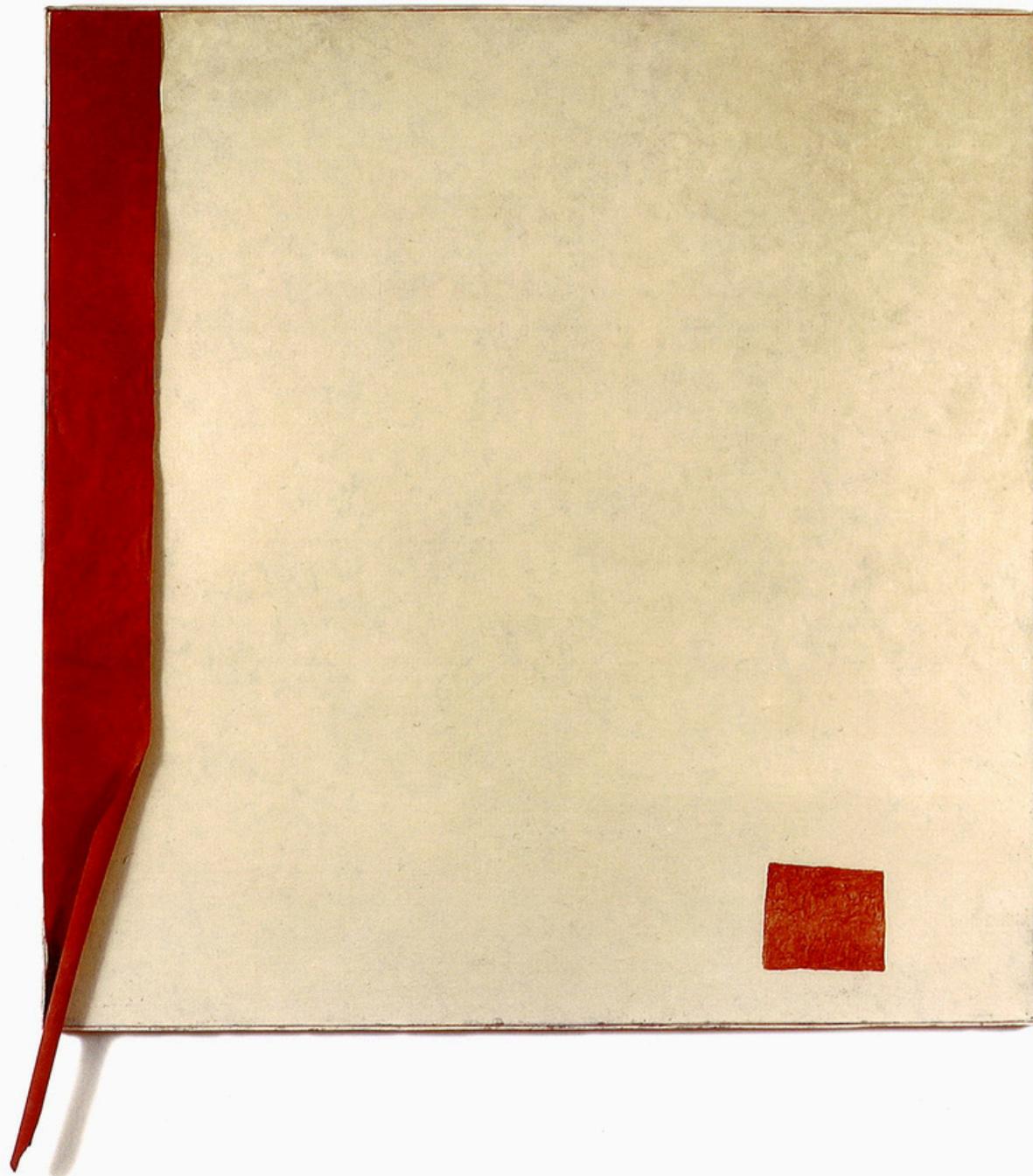
2 - PASTORIL II - cordão azul
óleo s/ tela
1,27 x 1,40



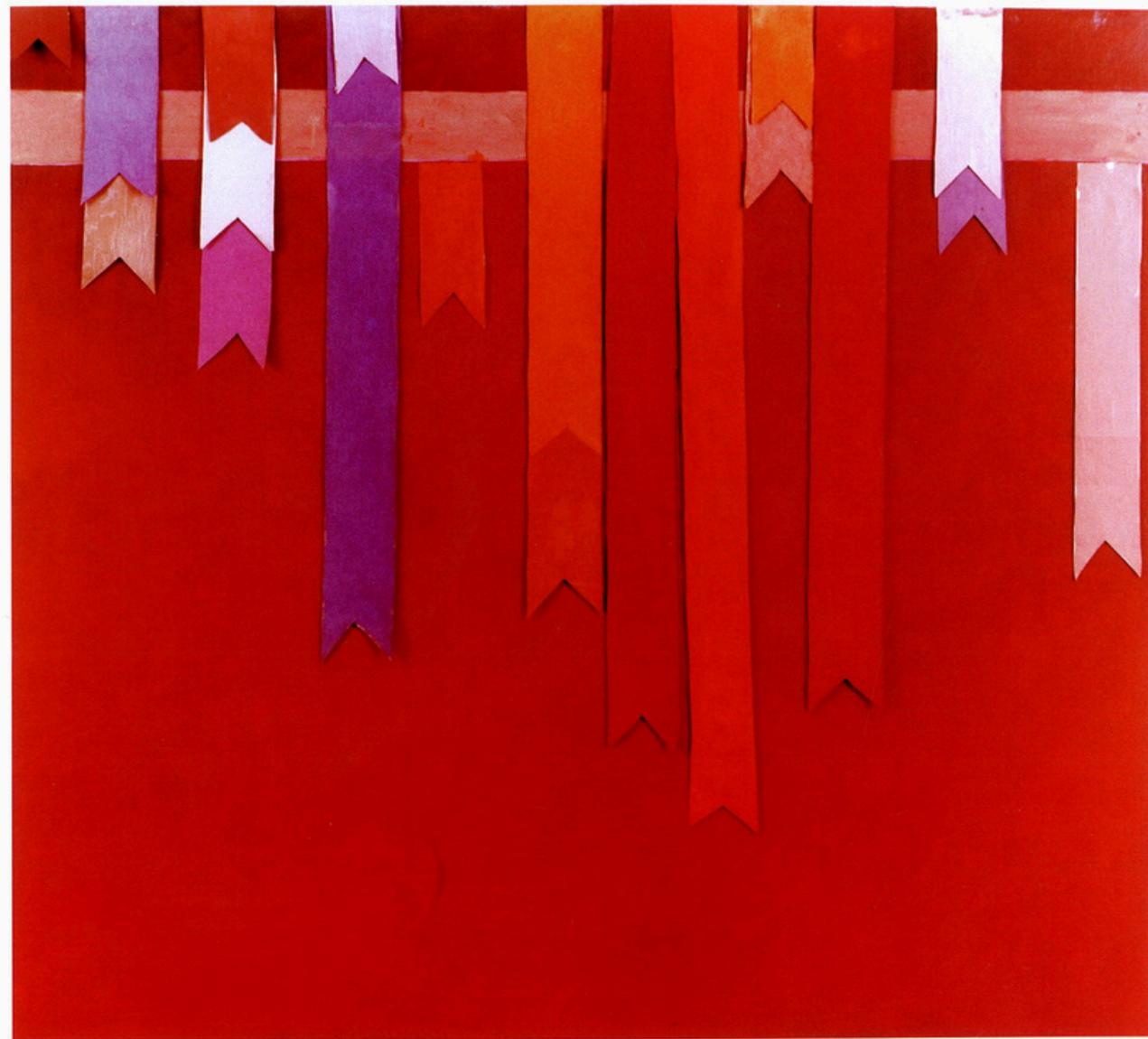
3 - PASTORIL III - vento ventando
óleo s/ tela
1,20 x 1,40



4 - PASTORIL IV - quadrado vermelho
óleo s/ tela
1,32 x 1,27



5 - FAIXA E BANDEIROLAS
óleo s/ tela
1,25 x 1,40



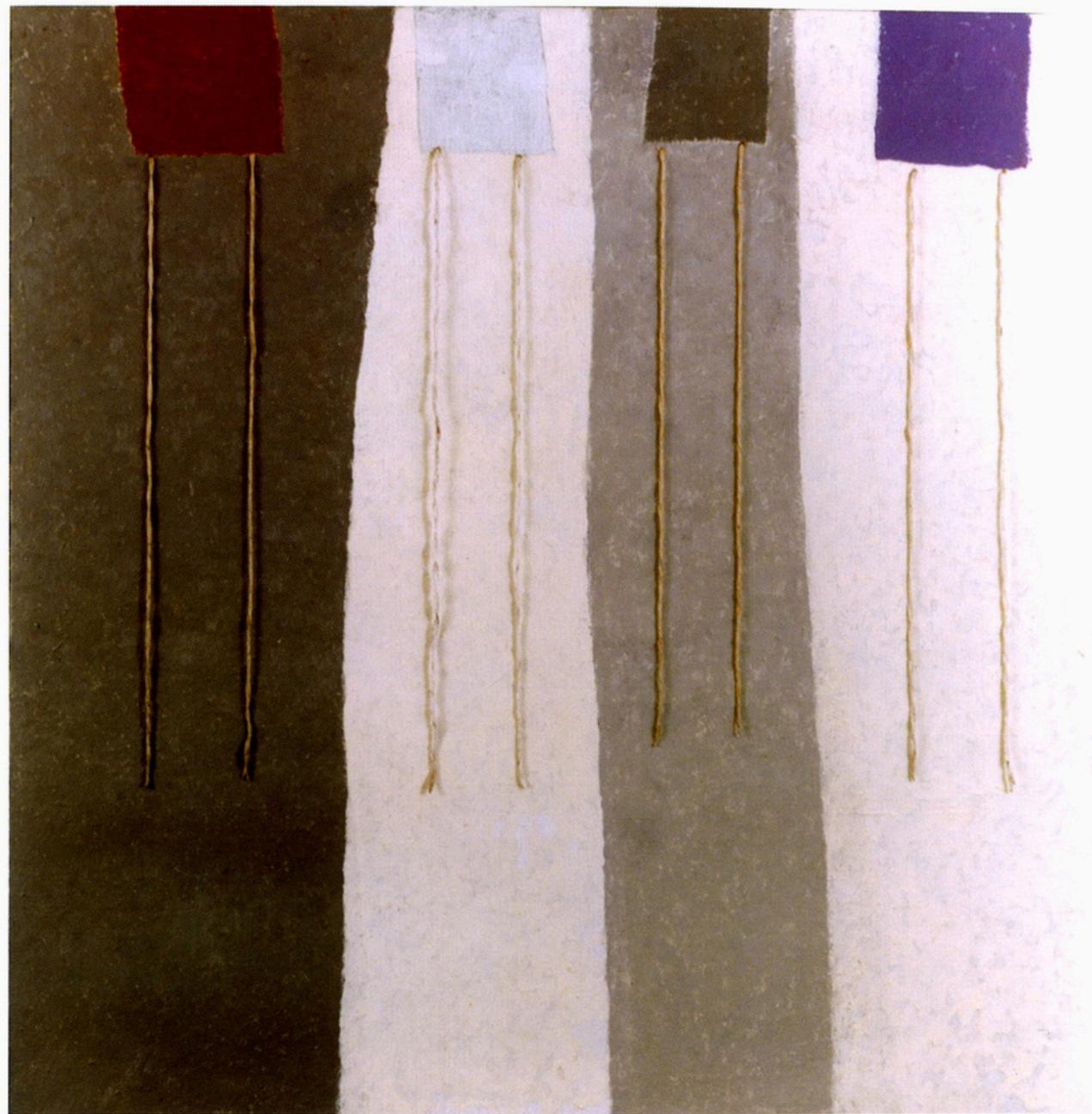
6 - SINFONIA NO AZUL
óleo s/ tela
1,38 x 1,26



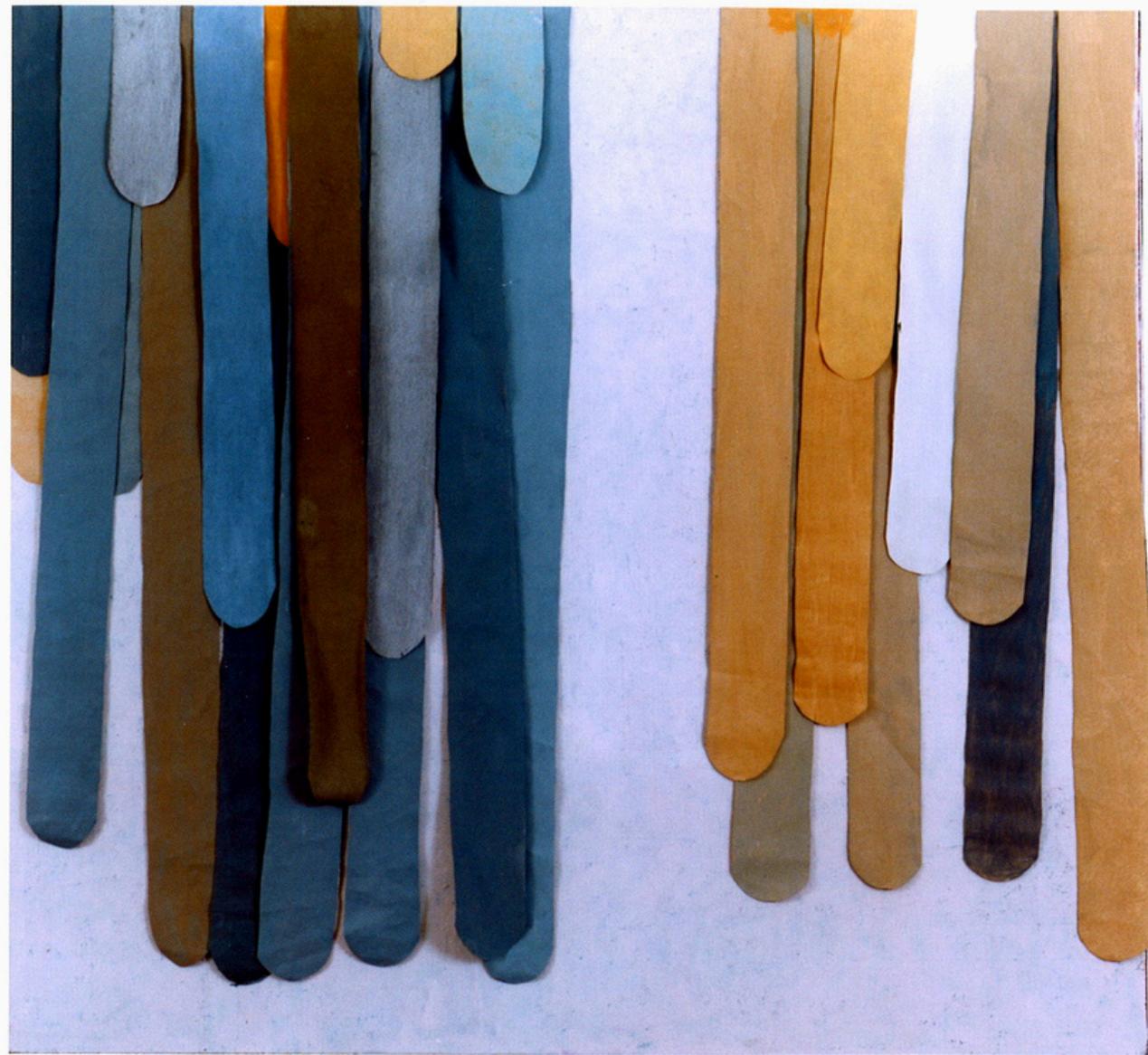
7 - MOVIMENTO
óleo s/ tela
1,80 x 1,42



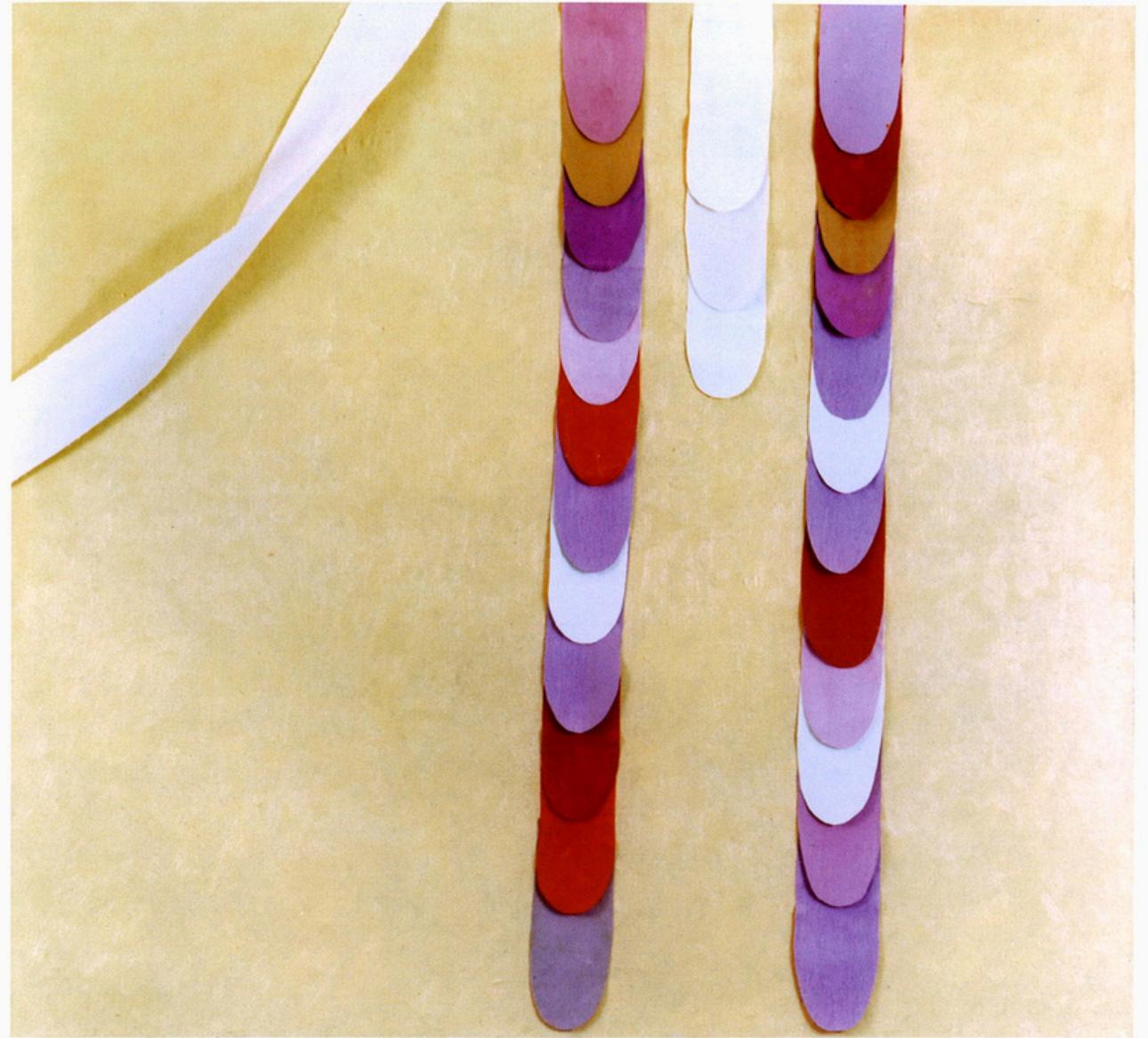
8 - PASTORIL dos cordões
óleo / tela
1,30 x 1,26



9 - PASTORIL - fitas ocreas
óleo s/ tela
1,17 x 1,27



10 - PASTORIL - fita branca
óleo s/ tela
1,17 x 1,28



11 - PASTORIL - fita roxa
óleo s/ tela
1,26 x 1,26



12 - PASTORIL - dobras e bandeirinhas
óleo s/ tela
1,32 x 1,26



SUANÊ

Nasceu em Águas Belas, Pernambuco.

1946 – já radicada em São Paulo, começa a pintar à têmpera, com o pintor Nelson Nóbrega.

1946/47 - 1ª exposição individual na Galeria Itá.

1951 - execução do "Afresco" no Batistério da Capela do Morumbi, por indicação do Prof. P. M. Bardi.

– participou da 1ª Bienal de São Paulo

– Prêmio Salão Paulista de Arte Moderna

– Prêmio Aquisição Mário de Andrade

1964 - exposição individual na Galeria São Luiz - S.P.

1974 - exposição individual na Galeria Altamira - Bruxelas

1988 - exposição individual na Paulo Vasconcellos Galeria de Arte - S.P.

1989 - exposição no "Panorama da Arte Brasileira" do M.A.M - S.P.

2005 - exposição individual na Grifo Galeria de Arte - S.P.

Possui quadros no acervo do:

Museu de Arte Moderna de São Paulo

Museu de Arte Contemporânea - São Paulo

e em coleções particulares, no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, Chile e Checoslováquia.

RELAÇÃO DAS OBRAS 2004

	NOME		MEDIDA
1	PASTORIL I - cordão encarnado	óleo s/ tela	1,25 x 1,40
2	PASTORIL II - cordão azul	óleo s/ tela	1,27 x 1,40
3	PASTORIL III - vento ventando	óleo s/ tela	1,20 x 1,40
4	PASTORIL IV - quadrado vermelho	óleo s/ tela	1,32 x 1,27
5	FAIXA E BANDEIROLAS	óleo s/ tela	1,25 x 1,40
6	SINFONIA NO AZUL	óleo s/ tela	1,38 x 1,26
7	MOVIMENTO	óleo s/ tela	1,80 x 1,42
8	PASTORIL dos cordões	óleo / tela	1,30 x 1,26
9	PASTORIL - fitas ocres	óleo s/ tela	1,17 x 1,27
10	PASTORIL - fita branca	óleo s/ tela	1,17 x 1,28
11	PASTORIL - fita roxa	óleo s/ tela	1,26 x 1,26
12	PASTORIL - dobras e bandeirinhas	óleo s/ tela	1,32 x 1,26

FOTOS
Rômulo Fialdini

IMPRESSÃO
Gráfica Águia Ltda.